

Micos & Microfones

relatos humorados sobre rádio e televisão

Helena de Moraes Fernandes



Helena de Moraes Fernandes

Micos & Microfones

Relatos humorados sobre rádio e
televisão



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Passo Fundo
2011

Helena de Moraes Fernandes

Micos & Microfones

Relatos bem humorados sobre rádio e
televisão

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Livro no formato eletrônico /E.book

Do livro: Crônicas, -Passo Fundo: Berthier, 2011. 80p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste livro NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a concordância do Autor.

Capa: Diego Chimango

Revisado pelo Autor em: 15/09/2011

F363m Moraes Fernandes, Helena de

Micos e microfones [recurso eletrônico] : relatos humorados sobre rádio e televisão / Helena de Moraes Fernandes. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011. E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-06-6

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Radiojornalismo. 2. Comunicação de massa. 3. Jornalismo. 4. Rádio – Programas. I. Título.

CDU: 659.3/5

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Agradecimentos

Ao meu filho, Bernardo Miranda de Moraes Fernandes
À minha mãe, Maria Irene Baggio
Aos meus irmãos, Aline, Marcelo e César
À memória de meu pai, Ari Carlos Ribeiro de Moraes Fernandes
Aos meus sobrinhos, Paloma, Juliana e Rafael

A todos os professores e professoras inspiradores que tive,

A memória de Angélica Weissheimer

Ao meu Editor Ivaldino Tasca, pela paciência, gentileza e perseverança na
publicação deste livro,

Jucélia Ferreira Loebens, pela primeira etapa de revisão da Língua
Portuguesa,

Ao colega professor Elias José Mengarda, pela revisão atualizada da
Língua Portuguesa

Getúlio Vargas Zauza e Aiesa Zauza,
Daniela Tondolo, Ernesto Zanette
Maria Joana Chaise, Nilza Lombardi,
Denise Zanatta, Alessandra Ávila Martins
Cecília Caron, Valter Marques Daudt,
Almir Bastos, Diego Chimango,
Gilda Bortolon e família, Maria Sílvia Cristófoli
Léli, Pati, Guga e família, Ani Carla Marchesan
Velci Queirós Souza, Atílio Butturi Júnior
Bráulio e Denise Caron, Eluiza Bordin
Aurenice Varella, Cacilda Ribeiro, Luciano Cardoso
Genésio Mário da Rosa.

A todos os estudantes com os quais tenho trabalhado.

Helena de Moraes Fernandes

Helena de Moraes Fernandes é professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – Erechim/RS, desde janeiro de 2011.

Trabalhou na Universidade Federal de Santa Maria – Frederico Westphalen/RS, no curso de Jornalismo. É Radialista, Bacharel em Comunicação Social – Rádio e Televisão (UPF), Especialista em Comunicação e Saúde (UFRGS) e, Mestre em educação (UPF).

Coordenou projetos de extensão para a divulgação científica e tecnológica em rádio. Orientou trabalho radiofônico premiado na PUCRS. Foi professora de cursos de radialista em Pelotas, Carazinho e Passo Fundo.

Produziu e apresentou o programa radiofônico “Espaço Educação”, entre outros.

Prefácio

Percorri curiosamente o livro produzido por Helena de Moraes Fernandes. Em cada pequena história uma surpresa. Aos poucos me senti um leitor absorvido pela ousadia bem humorada de uma professora que demonstra especial virtude de desvendar a singularidade deste meio de comunicação, ao mesmo tempo em que proclama sua invencibilidade no tempo. Os caprichos do cotidiano insólito de quem vive a missão de seguir rituais rudes no horário, são narrados em depoimentos que fogem ao clássico itinerário das programações. Percebem-se a fidelidade e apreço pelo conteúdo lúdico, entre o trágico e o hilariante, sem afetar a imagem dos autores de depoimentos, todos depositários de significação na história da comunicação. É o verdadeiro garimpar de emoções geradas em momentos em que, a memória traída, lapso de dicção ou insubordinável acaso gera situações inversas ao que se espera. É retrato transposto em letras, dando perenidade a uma realidade que faz história do irreverente, porque essa versão também pertence ao cotidiano. Os registros desmistificam o exercício profissional que exaltou alguns mitos da comunicação popular do rádio, sem infligir à aura de ídolos da arte verbal o desgaste ou o desprezo. O jogo assumido é deflagrar o humor próprio de uma profissão que vem repleta de meandros de humanidade, revelando sua saga de alegria e cumplicidade com o sentimento do ouvinte.

O trabalho agrega informações indispensáveis, incorporando na sua introdução, dados preciosos sobre a radiofonia. Nos demais subtítulos

o texto alia e contextualiza os acontecimentos no tempo, a ponto de revelar costumes de época bem recente.

Trata-se de homenagem alegre, com alusão apropriada da influência do teatro, recurso que permaneceu imerso nas programações de rádio. O esforço, ao coligar muitas histórias deixa transparecer o quanto há vida na comunicação radiofônica. Grande parte das histórias narradas traz e a participação do povo, componente indissociável no pulsar de uma emissora de rádio.

Por fim, ao despertar memórias traduzindo uma realidade de bastidores das cenas radiofônicas, a autora captura nos ares os momentos inusitados, dando sabor peculiar a seu desafio de levar ao leitor a reprodução dessa trajetória que também é a própria vida. Certamente a tarefa não foi fácil. Por isso seu conteúdo consagra-lhe os méritos, no trabalho que se materializa em grande homenagem aos que atuaram e fizeram época na arte da comunicação verbal. O objetivo de oferecer leitura diferente, não desvirtua o mito, e demarca o elo entre a geração dos rábulas que cumpriram arduamente uma etapa de nossa história na comunicação de massas, mister que vem sendo repassado, gradativamente, aos comunicadores formados na universidade. O momento exalta o que fez seu tempo, revelando que nada pode substituir o quociente individual, a experiência de vida. Parabéns à autora pelo trabalho esmerado, que contribui de maneira vibrante para a história do rádio.

Celestino Meneghini
Do Livro
Micos e Microfones

Sumário

Agradecimentos	7
Prefácio	11
Sumário.....	13
Vibrações da Autora	15
JÚLIO ROSA, O ASTRO DAS COMÉDIAS POLICIAIS.....	20
AS RISADAS DE ANGÉLICA WEISSHEIMER	27
O PASSADO PITORESCO DE PAULO GIONGO	33
AS VOZES QUE ABALAM PAULO RICARDO	43
PARA UM BOM ENTENDEDOR, O PROGRAMA DO DALTRO BASTA..	57
LUIZ CARLOS CARVALHO E OS GOLS QUASE NÃO CONTRAS	64
DE OLHO NA BOLA AMARRADA JARBAS SAMPAIO CORREA	73
O DISCRETÍSSIMO MEIRELES DUARTE	79
JG, O "G" É DE GURI.....	81
O POLITIZADO HENRIQUE FONSECA	85
IPÁCIO CAROLINO, PERSUADINDO CORAÇÕES.....	91
CONFLITOS PROFISSIONAIS DE IVANDRO DÁVILA.....	94

Vibrações da Autora

Como é bom quando a gente vibra com alguma coisa... Desde que não sejam aquelas britadeiras de 120 decibéis ressonando em nossos ouvidos e em todo o nosso corpo, ou familiares caóticos que não suportam o silêncio, por isso deixam a televisão sempre ligada em volume altíssimo, mesmo que ninguém a esteja assistindo, ou que falam muito alto e a toda hora sem dar descanso... Ah, o rádio...Pura vibração... Nas FMs mais diversão e música, nas AMs mais notícias e programas para participação dos ouvintes. Essa verdadeira fonte de poder político, é usada por profissionais que sempre nos fazem vibrar, às vezes mais, às vezes menos, ora de acordo com nossos valores, noutras em desacordo ou nem tanto... Há ouvintes mais apaixonados ou mais irritadiços que reagem a eles como se reage às britadeiras.

Os radialistas falam ao microfone, que converte a energia sonora em energia elétrica e que através de oscilações produzidas na antena da emissora, geram perturbações eletromagnéticas que se propagam pelo espaço levando consigo futuros sons, que ao serem sintonizados no aparelho receptor (rádio) vibram na mesma freqüência, podendo com isso ser escutados e compreendidos lá na parte mais importante de todo o processo - os ouvintes. É nas pessoas que os sons se traduzem de diversas maneiras: emoções, imaginação, valores, comportamentos, esperanças, orientação, desejos, opiniões, verdades, mentiras... e até em risadas.

Esse instrumento tecnológico para a difusão de sons só existe porque cientistas e técnicos de vários países desenvolveram intensos

estudos, pesquisas e experimentos ao longe de muitos e muitos anos. O conhecimento desenvolvido e as descobertas feitas por uns, serviam de base para os avanços nas descobertas e aperfeiçoamentos de outros. Com a televisão também foi assim, em 1817, por exemplo, a descoberta do selênio, pelo sueco Jacob Berzelius, possibilitou o desenvolvimento da televisão, já que o selênio produz uma corrente elétrica quando exposto à luz (princípio do funcionamento da televisão). Apesar de mencionar e de considerar a televisão, a ênfase desse livro é no rádio. Consideremos, então, que a história do rádio começou muito mais cedo do que geralmente se imagina: no Século XVI com as pesquisas sobre eletricidade e eletromagnetismo (geração e transmissão de eletricidade). Benjamim Franklin, Charles Augustin de Coulomb e Claude Chappe são apenas alguns dos responsáveis. A evolução do rádio passa também pelo uso do código Morse (assim denominado em homenagem a Samuel Morse, inventor do telégrafo em 1835) muito usado para fins de comunicação ao transporte marítimo - o que salvou muitas vidas graças ao S.O.S.

Depois, colaboraram decisivamente James Maxwell e Heinrich Rudolf Hertz, o primeiro previu a existência das ondas de rádio em 1860, e o outro as detectou e identificou nelas propriedades semelhantes às das ondas luminosas, em 1887. O progresso do rádio continua com o advento de duas invenções que lhe deram maior importância e aplicabilidade: o emissor e a válvula radioelétrica, inventada por Lee De Forest.

Mas como será que foi possível acontecer a primeira transmissão de voz humana entre dois equipamentos sem fio? Quisera eu poder voltar a 1893 e perguntar ao brilhante cientista, precursor das telecomunicações no Brasil, pioneiro da radiodifusão, o gaúcho e Padre Landell de Moura. Naquele ano, ele realizou transmissões eletromagnéticas de ondas sonoras entre dois morros em São Paulo, capital. Não há registros em documentos escritos, apenas depoimentos que fazem parte de uma história oral. As invenções de Landell devem ser motivo de alegria para os brasileiros: transmissor de ondas, telefone sem fio, telégrafo sem fio e

protótipos que procederam o desenvolvimento da fibra ótica e da televisão. Devemos, entretanto, dividir a admiração com o físico italiano Guglielmo Marconi, que ao menos teve condições - refiro-me a motivos externos a ele - de ganhar a batalha do reconhecimento internacional e ser denominado de "inventor do rádio". Isso porque além de talentoso, obteve apoio e escreveu uma dissertação sobre o telégrafo sem fio em 1895, já Landell não pôde contar com a colaboração necessária, só obteve o registro escrito em 1900. O cálculo é simples: $1895 - 1893 = 2$, ou seja, Landell realizou a transmissão de voz humana sem usar fios, dois anos antes de Marconi.

Todos estes avanços a pouco serviriam sem a antena, contribuição de Aleksandr Popov, quem também construiu um coesor capaz de detectar sinais enviados pelas ondas hertzianas (de rádio), em 1895.

O sonho de presenciar o rádio funcionando como veículo de comunicação para a sociedade, foi vivenciado por Lee De Forest, que em 1908, realizou do alto da torre Eiffel uma emissão, logo em 1916, já instalava uma emissora experimental em New York. Em 1922, já começou a ser cobrada a publicidade pelo rádio. Radioamadores curiosos que manipulavam aparelhos emissores de rádio, descobriram as ondas curtas, fato que ampliou mundialmente a radiodifusão, tornando possível comunicações a grandes distâncias. Em 1939, mesmo com o surgimento da televisão o rádio continuou sendo um meio importante (aliás, até hoje os dois meios convivem em harmonia, cada um com suas características peculiares).

No Brasil, o rádio surgiu durante o governo de Epitácio Pessoa, por volta de 1922, passou por diversas formas de tecnologia: as galenas - citadas em histórias desse livro, as válvulas, os transistores e está agora ingressando na era digital. Ainda mais importante é atentarmos para o desenvolvimento das pessoas que o fazem acontecer: os radialistas e profissionais de comunicação que o fazem vibrar nas pessoas, os anunciantes que investem nos programas e que sustentam as equipes de rádio e, por fim, os políticos que concedem o uso das frequências - já que

no Brasil os meios de comunicação possuem forte relação de dependência com os governos. A qualidade e a confiabilidade de sinal serão impecáveis, mas quais serão as mensagens? Que influência elas terão na vida das pessoas?

Há algum tempo, bastava ter uma boa voz e algum grau de desenvoltura para ser radialista, atualmente, o mercado tem exigido maior preparação, mais conhecimento teórico a respeito da história do veículo, da legislação, dos estudos sociológicos já realizados e das implicações éticas do trabalho, de marketing e economia, de idiomas, do funcionamento de equipamentos, entre outros saberes que, aliados à prática, farão o rádio sobreviver junto à internet, aos celulares de terceira geração, aos programas de música em MP3, à televisão digital, aos DVDs, etc.

Quanto ao presente livro, as risadas que o rádio pode provocar me interessaram a partir de aulas assistidas em 1997, no curso de comunicação social - Radialismo e Televisão na Universidade de Passo Fundo. Na época, eu estudava as teorias da comunicação e as implicações sociais do uso que se faz a partir do poder que tem o rádio. Houve momentos "pesados" na trilha de tais descobertas, foi então que eu senti a necessidade de buscar alegria, algo que me fizesse rir. Na época pensei: E se eu pedisse aos comunicadores e radialistas de Passo Fundo que me contassem as histórias mais pitorescas, mais engraçadas da vida profissional deles? O resultado pode ser conferido nas próximas páginas, antes, preciso relatar que o próprio "fazer o livro" teve seus fatos divertidos, como por exemplo, quando eu fui até a rádio Uirapuru para buscar a assinatura de um dos radialistas colaboradores, entrei no estúdio, agradei a ele pelas histórias e pela força dada ao livro. Beijei-o, abracei-o com força, até que ele me olhou fixamente e disse: muito legal a idéia desse livro, mas eu não sou o Ivandro Dávila, eu sou o Ivonei Passos. Fiquei totalmente sem jeito, me desculpei e o convidei para fazer parte do segundo livro da série. O que dizer das situações em que me contaram

histórias sem a mínima graça e deram gargalhadas esperando que eu risse com eles, me fitando em tom intimador?

- E agora Helena? Vais rir ou tentar demonstrar neutralidade, podendo com isso inibir o entrevistado em contar outras histórias que podem ser divertidas? Eu ri, mas ri da minha situação. O mais importante, entretanto, é reconhecer a boa vontade e o carinho com que fui recebida pelos profissionais que colaboraram com este livro, contando suas vivências e revelando detalhes de suas vidas profissionais.

"Micos e Microfones: relatos humorados sobre rádio e televisão" foi criado para que através de uma leitura extremamente leve e divertida o leitor descubra um pouco do que já aconteceu nos bastidores dos programas do rádio e da televisão. Constituído por relatos de experiências reais, ocorridas no dia-a-dia de profissionais de vários veículos de comunicação de Passo Fundo e da região, este livro é uma espécie de pequeno resgate histórico que traz depoimentos de fatos pouco notórios.

Acredito que o livro possa servir a interessados pela área da comunicação e para Telespectadores e Rádio ouvintes que estejam curiosos em conhecer um lado ainda mais humano dos profissionais do rádio e da televisão. Paulo Giongo, um homem conhecido pelo trabalho que fez como comentarista na televisão de Passo Fundo, especialmente nos anos oitenta, não resistiu em contar histórias da época em que fez teatro. Eu não resisti em colocá-las no livro. Todos saímos ganhando.

De qualquer maneira, "Micos e Microfones: relatos humorados sobre rádio e televisão" é um livro objetivo, de leitura leve e rápida, que almeja propagar bem-estar entre os receptores das mensagens. É assim que eu acredito que seja a "melhor forma" da informação.

Boa leitura.

Helena de Moraes Fernandes

JÚLIO ROSA, O ASTRO DAS COMÉDIAS POLICIAIS.

O Casamento do assassino

"Há vinte anos, veio para Passo Fundo um conceituado gerente da CEEE, com sua mulher e dois filhos. Mas como ele gostava da noite, foi com alguns amigos conhecer a famosa "zona do meretrício do Quatorze de Julho", perto da antiga Boate Bicão. Tomaram uma cervejada e no final da noite se desentenderam com uns rapazes. Houve briga e este cidadão, há uma semana em Passo Fundo, foi esfaqueado e morto por dois indivíduos.

Um dos assassinos foi preso. O outro, que fugiu, pertencia à classe média e estava com uma grande festa de casamento marcada.

A polícia disse a ele através de megafones:

- Ou você se entrega, ou vamos aproveitar o dia do teu casamento para te prender!

Eu estava na minha casa, na Rua Mato Grosso, quando o assassino apareceu dizendo:

- O Senhor tem que negociar com o delegado para não perturbarem o meu casamento! Eu prometo que passada a lua-de-mel, eu me entrego para a polícia! Você pode negociar a minha situação?

Eu fui até o delegado Simões e ponderei:

- Eu estou com o assassino do gerente da CEEE nas mãos. Ele me convidou para ser o padrinho do casamento. O homem vai se entregar, mas só depois da lua-de-mel.

- Confio muito em você! Sendo contigo, eu vou topa, mas olha lá, hein! - Disse o Simões.

O assassino casou no sábado, numa grande festa. Na segunda-feira eu o levei pessoalmente até o delegado. Foi autuado e preso".

do livro inédito "Micos e microfones - relatos humorados sobre rádio e televisão"

É tudo culpa do Sissi

Síssi era um bandido que apavorava a população de Passo Fundo. Eu, Radialista que tinha saído da polícia e o Luís Miguel que na época era só Radialista, mas já foi vereador e policial combinamos o seguinte:

- Vamos tentar fazer uma entrevista com o Síssi.

- Muitos dos crimes que dizem ter sido culpa dele, não foram executados por ele.

- Com a entrevista ele terá a chance de se limpar com a opinião pública.

Concluímos isso porque diziam que ele matou um no Boqueirão e, na mesma hora, outro no Bairro Bom Recreio. Diziam que houvera um assassinato na Avenida Presidente Vargas e um assalto, na mesma hora, na Vila Fátima e que a culpa toda era do Síssi. Não pode uma pessoa praticar dois crimes ao mesmo tempo em lugares diferentes. Tem outras quadrilhas de bandidos agindo e botando a culpa no Síssi.

A polícia estava desesperada. Os policiais se revezavam em plantão vinte e quatro horas por dia. Todos queriam o troféu de pegar o Síssi - vivo ou morto. Um dia, eu e o Luís Miguel fomos até a Vila Fátima e encontramos uma das irmãs do Síssi.

Dissemos a ela que ajudaríamos o guri se ela conseguisse uma entrevista entre nós e ele. Foi uma entrevista arriscada, no meio do mato, atrás da Vila Vitor Ísler. Era uma noite fria. Quando nós chegamos lá, ele estava com o Lampião e com toda a quadrilha armada. Nós fomos revistados. Só passaríamos se tivéssemos apenas gravadores nas mãos. Ele relatou os crimes que tinha feito, os que não tinha feito e advertiu aos bandidos que iria pegá-los, pois sabia quem eram.

Então, nós fomos à Rádio Uirapurú e colocamos a entrevista com ele. Em pouco tempo a rádio foi cercada pela polícia. Eles pensavam que o assassino estava amarrado dentro da rádio, dando a entrevista. Por fim, nós avisamos que havíamos feito a entrevista horas antes.

Pouco depois, em um tiroteio com a polícia, ele foi preso pelo inspetor Camargo. Muita gente disse que deveríamos tê-lo entregue à polícia".

A maior romaria da história da Rádio Uirapurú

A novela "Barriga de Aluguel" fazia sucesso na televisão. Eu disse em meu programa, que um casal do Rio de Janeiro pagaria cinco mil a quem alugasse uma barriga em Passo Fundo. Foram mais de trezentas mulheres até a emissora. Pobres, ricas, pretas, brancas, virgens, com filhos, sem filhos. A RBS fez uma reportagem do meu programa.

Das mulheres que compareceram, as alegações variavam: uma mulher pobre dizia que precisava fazer um aumento na casa e que o marido a autorizara a alugar a barriga. Outra, de classe média, disse que estava com umas contas no comércio e que precisava pagá-las. Disse que não incomodaria o casal, nem iria querer a criança. Outra, tinha combinado com o amante que iria alugar a barriga para os dois viajarem pela Bahia.

Uma moça rica e muito bonita disse que tinha um filho pequeno, possuía dinheiro para comprar um apartamento no centro, mas faltavam justamente aqueles cinco mil para receber melhor os amigos.

Então as cadastrei num caderno e disse que o casal escolheria a felizarda.

Passaram-se alguns dias e as mulheres se desesperaram:

- Eu quero saber quem foi a escolhida!

- Quando o casal virá?

- Seu Júlio, nós queremos conhecer o casal pessoalmente!

Expliquei que o casal já tinha vindo, escolhido e a história estava encerrada".

AS RISADAS DE ANGÉLICA WEISSHEIMER

Os pés do rei Roberto

A chegada de Roberto Carlos estava prevista às 10h00 ao Aeroporto de Passo Fundo. Eram duas da manhã e nós esperávamos dentro do carro. O avião dele chegou e dois brutos seguranças desceram dizendo:

- Ele não vai dar entrevista. A imprensa se afaste!

Conseguir a entrevista era um desafio para mim. O cinegrafista ficou nervoso na hora, mas depois passou. Eu deixei os seguranças passarem por nós e, quando o Roberto se aproximou, eu pedi licença, expliquei que nós estávamos esperando-o há muito tempo:

- Nós gostaríamos de fazer uma entrevista super rápida com você.

Ele foi muito gentil dizendo que não haveria problema.

Eu chamei o cinegrafista, que estava em pânico por ser impedido de chegar perto. Nós gravamos uma entrevista de dez minutos com o Roberto Carlos, o que é um tempo fabuloso para a televisão.

Saímos do aeroporto, após as três horas da manhã, realizados. Ao chegarmos na TV, para editar e levar ao ar, a única coisa gravada na fita era os pés do Roberto Carlos andando no aeroporto. O cinegrafista, na hora em que os seguranças começaram a afastar a gente, ligou a câmera, então passaram os pés do Roberto Carlos. E na hora em que ele foi gravar a entrevista ele desligou a câmera. .

O nosso chefe exigiu outra entrevista com o cantor. Então, antes do show, eu contei que havia acontecido um problema técnico com o equipamento e, que, infelizmente, o meu emprego estava pendurado "pelo pincel" por causa daquilo.



A secretária ou empresária dele se comoveu e contou a história ao Roberto. Ele apareceu rindo e tirando muito sarro para conceder a entrevista".

Eu quero falar com o seu Umbu!

A RBS tinha como razão social: "Rádio e TV Umbu Ltda" e o nome fantasia era "TV Umbu canal 7 Passo Fundo". Em 1985, quando a emissora tinha apenas cinco anos, e quando dava algum problema no ar, alguma "babada" ou o sinal saía do ar, as pessoas ligavam querendo reclamar com o Seu Umbu, que elas achavam ser o dono da TV. Os seguranças, que atendiam ao telefone, andavam tão atrapalhados que diziam:

- Ele não chegou ainda, ligue mais tarde, por favor. Isto durou até contratarem uma pessoa mais qualificada para a função e explicarem como era todo o processo. Apropria comunidade não entendia que Umbu não era o sobrenome do dono da TV".

Eu sou a Angélica daqui, aquela é a de lá!

"Quando instalei a Internet comecei a receber muitas correspondências (em função do meu endereço ser "Angélica") que eram para a Angélica da Rede Globo. As escolas normais, regulares e de idiomas ligavam para a televisão pedindo o endereço eletrônico da Angélica e o pessoal da TV dava o meu endereço. Eu devolvi todas as correspondências tentando explicar que eu não era a mesma Angélica. As pessoas insistiam em me retornar dizendo que eu não queria responder. Até que eu liguei para a Rede Globo, peguei o endereço eletrônico da Angélica e passei cartas eletrônicas para todas aquelas pessoas, inclusive centenas de estudantes e crianças que escreveram para mim. Passei o verdadeiro endereço e expliquei que este era o da Angélica que tem a manchinha na perna .

O aprontador do telepronter

"Há algum tempo quando você assistia à programação de Passo Fundo, via que os apresentadores liam bastante. As pessoas se queixavam:

- Pô! Ele só lê e não tira os olhos do papel!
- Esse apresentador não olha para o público!
- Ele não olha para a câmera!

Até que chegou o equipamento, graças ao qual a gente não precisava mais ler os scripts: o Telepronter. Este recurso técnico fica acoplado à câmera, com letras gigantescas. Você lê à longa distância os textos dos scripts. Mas você precisa do script ainda, porque quem opera o telepronter é uma pessoa que fica numa outra sala.

As letrinhas do telepronter vão para frente e para trás muito rápido ou muito lentamente. Imagine a situação: você está apresentando o telejornal ao vivo e começa a ler uma nota e as linhas em vez de irem para frente vão para trás. Então é necessário ter um jogo de cintura porque é uma questão de segundos. A gente está lendo normalmente, olhando para a câmera, falando, como se estivesse conversando com o telespectador e, de repente, é preciso dar uma parada, uma respirada, baixar a cabeça para procurar o script. Então, você pode ter certeza que o operador do telepronter fez alguma "babada" lá dentro", ou seja, cometeu algum erro ou distraiu-se.

O PASSADO PITORESCO DE PAULO GIONGO

De quem é essa galinha?

"De Lores Caminha era ator nascido em Passo Fundo, no Boqueirão, e foi para São Paulo e Rio de Janeiro. Fez dezenas de peças teatrais e quarenta e três filmes. Viveu muitos anos com a dama do teatro francês no Brasil: Henriete Borinot, uma das maiores atrizes que o mundo conheceu. Quando ele veio à Passo Fundo, ficou dez dias dando aulas de empostação de voz e de coisas que nós nem tínhamos idéia de que existiam. A companheira, nascida em Paris, falava português fluentemente, mas, durante as palestras, aplicava termos franceses quando encontrava dificuldade em falar algumas palavras.

O grupo de teatro do qual eu fazia parte montou com eles a peça: "Somos prisioneiros de Cristo", que tem como cenário o altar das Igrejas. Apresentamos na Catedral, na Santa Terezinha, na igreja Metodista, na capela do colégio Conceição. Levamos à catedral de Brasília, onde o bispo diretor de Brasília, quando a peça ia começar, retirou o santíssimo do altar, pois ainda não se admitia levar uma peça de teatro para dentro de uma igreja católica apostólica romana. Numa das cenas, ouviu-se o barulho de um avião passando e, não sei por que cargas d'água, o sonoplasta soltou uma das vinhetas que tinha um cocorocó de galinha no momento que eu devia dizer:

- Ouço um ruído de avião, será dos nossos ou dos deles?

Mas quando saiu aquele barulho de galinha, eu disse:

- Ouço uma galinha, será nossa ou deles a galinha?"

Até eu não entendi

"Esta mesma peça percorreu o Brasil e, com ela, em Porto Alegre, ganhamos todos os prêmios da Federação Rio Grandense de Amadores Teatrais - FRAT, quarenta e sete grupos de todo o estado concorreram, Passo Fundo foi o mais premiado: inclusive uma surpresa que até hoje eu não entendi: nos deram o melhor cenário! Esta peça não tinha cenário! Em cada igreja mudava o cenário. Se nos dessem o cenário mais original eu aceitaria.."

Marido traído, ou, que papel!

"Era uma peça em que o marido chegava em casa e surpreendia a esposa com uma carta do amante. Quando o marido entra, ela percebe e põe fogo na carta. Então ele diz:

- Eu sinto um cheiro de papel queimado... O que é que você estava fazendo?

O contra-regra esqueceu-se dos fósforos. Quando o marido entrou, ela - inteligentíssima, rasgou o papel. Ele disse:

- Eu sinto um cheiro de papel rasgado. O que é que você estava fazendo?"

Seu advogado, o correto é...

"No Teatro São Pedro, em Porto Alegre, apresentamos a peça: "Testemunha de acusação", de Ágata Cristhie. Nela, eu dialogo com um inspetor de polícia:

- O senhor é o detetive inspetor de polícia William Macdonald, do departamento de investigações criminais? O senhor estava de plantão na noite de dezesseis de janeiro do ano passado?

- Sim senhor.

Para quebrar o gelo, nos ensaios eu costumava brincar dizendo: O senhor é o detetor inspetive William Macdonald, do departamento de investigações criminais?

Em Porto Alegre, tomado pela emoção, eu disse:

- O senhor é o detetor inspetive?

E o juiz, personagem feito por um colega nosso - o Pedro Alexandre - bateu o martelo e disse:

- Um momento, seu advogado: o senhor acabou de dizer detetor inspetive. Não é detetor inspetive, é inspetive detetor!"

Tiro duvidoso

"Eu trabalhei muitos anos na Rádio Planalto e na Rádio Passo Fundo, sempre a título de colaboração. Na Rádio Planalto eu fazia o programa "Tiro ao Alvo": Era rápido, que nem eu fazia na televisão, quando estavam querendo gostar ou ficar com nojo, eu terminava o programa. Um dia eu ia saindo da Rádio Planalto, situada nos fundos da Catedral, naquela época. Um cidadão disse:

- O senhor é que é o Paulo Giongo?
- Sou.
- Eu sou muito amigo do Doutor Álvaro Vargas Junqueira da Rocha.
- Sim, e o que é que tem? Eu também sou amigo e companheiro do Rota.
- Mas como... o Senhor diz aí ... Tiro ao Álvaro?"

Calma, já estou indo lá!

"Durante o período da Revolução, eu fui oito anos presidente da subseção da Ordem dos Advogados em Passo Fundo. Eu fui ao quartel do exército como presidente da subseção trinta e sete vezes para defender colegas que estavam presos e onze em causa própria. Eu fazia um comentário na rádio e já pegava o meu carro e ia direto para o quartel. Às vezes não nos encontrávamos. Eles vinham de jipe para me buscar na rádio, e eu já estava indo para o quartel:

- Calma, já estou indo lá!".

Esqueceram

"Na frente da Farmácia Indiana de Passo Fundo tem um prédio de seis ou sete andares. No último andar, com a TV Erechim, nós passamos para toda a redondeza a peça "Massacre", de Goelner Manel Robles. Nós não tínhamos a TV Umbú. Usamos um apartamento.

Pela primeira vez fizemos uma adaptação de uma peça sensacional de duas horas e dez minutos.

Nos bairros, a hora quase certa, é diferente

"Eu ouço muito rádio. Acho que é o veículo de maior profundidade. Mas o Radialista é tão bitolado ao script que, se precisa improvisar, saem coisas assim:

"- Hora certa no centro da cidade: são quase oito horas."

"- Tempo instável, sujeito à chuvas... êpa! Já tá chovendo!"

"- Aqui fala ZYB Rádio Iraí, capital mundial da saúde. "Tóóóimm". Convite para enterro :

Faleceu ontem a Senhorita tal..."

Adeus, porteira

Das nove da manhã até a uma e vinte da tarde, nós dávamos notícias e entrávamos em conexão com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Poucas pessoas tinham rádio em Passo Fundo. Tinham Galenas, rádios com enormes fones de ouvido. Abríamos a programação às seis horas da tarde com a oração da Ave Maria e ficávamos somente até quinze para as dez da noite para não perturbarmos o sossego público.

Fazíamos dedicatórias com músicas em discos de setenta e oito rotações. As pessoas compravam os discos e nós cobrávamos conforme a cara de cada um. Certa vez, um cidadão quis oferecer uma música para a esposa. Eu quase apanhei quando a música terminou. Não sei por que cargas d'água eu botei a música "Adeus porteira velha".

Esse serviço de alto-falantes que precedeu a Rádio Passo Fundo foi a primeira Rádio da cidade. Funcionou por quatro anos. Logo depois das seis, a Praça Marechal Floriano ficava lotada. O Maurício Sirotski Sobrinho falava no momento da "Consulta Sentimental". Quando a Rádio foi inaugurada, não havia mais razão para que o serviço de alto-falantes existisse. O Maurício foi o primeiro gerente da Rádio. Depois ele foi para Porto Alegre e fundou a Rádio Sociedade Gaúcha".

AS VOZES QUE ABALAM PAULO RICARDO

Ave Maria!

"A Rádio Planalto tinha um programa diário do Padre José Ganollo, das dez para as seis às seis da tarde. Era o momento da oração da Ave Maria. Ele chegava religiosamente cedo, fazia um pequeno comentário e dava alguns conselhos até o horário da Ave Maria.

Às cinco e meia ele estava na emissora. Um dia, porém, ele não veio. Eu tinha chegado há pouco tempo e sabia da importância de botar no ar o programa do padre em uma rádio de padre. Combinei com o operador:

- Olha, Mocó, vamos fazer o programa! Eu leio algumas passagens da Bíblia e dou uns conselhos pro pessoal. Nós já sabemos como é. Quando chegar a Ave Maria, botamos o cartucho de abertura .

O Mocó colocou um fundo musical e eu, já com o fone no ouvido iniciei o programa. Terminei o "sermão", o Mocó levantou, aumentou o volume da característica, e eu fui começar a Ave Maria. No ar, com o microfone aberto, eu falei:

- E agora, vamos à oração da Ave Maria.

E o Mocó estava distraído, atendendo ao telefone talvez.. O fato é que ele não baixou o volume da característica. Então eu repeti:

- Vamos, agora, à oração da Ave Maria!

De repente, ele olhou para mim. Imediatamente, eu fiz o gesto para ele abaixar o volume da característica. Ele não teve dúvida: levantou da cadeira, se ajoelhou e fez o sinal da cruz."

do livro inédito "Micos e microfones - relatos humorados sobre rádio e televisão"

Pequeno Lapso

"O Edson, hoje, está comportado, mas na época desta história, tomava uns tragos. Ele trabalhava na Rádio Passo Fundo e sempre foi um bom profissional. Não sei por que motivo ele saiu da empresa. Ele saiu numa segunda-feira, e já no dia seguinte foi contratado pela rádio Planalto.

Para comemorar a conquista do emprego, ele foi fazer festa e amanheceu no bar. Lembrou que tinha noticiário para apresentar às sete horas. Ele foi direto para a redação, pegou a máquina, o jornal e começou a redigir várias laudas de notícias para um noticiário de meia- hora. Aparece o Vicky - funcionário da Rádio Passo Fundo:

- Ué!? Tá fazendo o quê aqui , rapaz?

E o Edson, entregando o noticiário para o Vicky:

- Tá pronto o noticiário Vicky !

O detalhe é que ele tinha que fazer o noticiário na outra Rádio.

Cantando para a antena

"Ijuí, tinha duas emissoras de Rádio. Hoje tem várias. A Rádio Repórter fica na BR 285, bem na entrada da cidade, num terreno amplo: há o prédio da Rádio, a casa dos transmissores e a torre da Rádio. O programa de música gaúcha "Ô de casa!", deve estar no ar até hoje. Um programa feito no início da noite - das oito às dez - pelo comunicador Toquinho, conhecido e respeitado na região. Por ali tem muito conjunto, banda, dupla, trio. Ele fazia sempre o programa com música ao vivo e era criterioso ao escolher os músicos. Por ser popular, ele era convidado para festas, inclusive uma no interior do município, numa localidade bem afastada. Chegou lá com a família e foi recebido como um herói :

- Olhem ! O Toquinho está prestigiando a nossa festa!

Uma dupla tocava: o violeiro era italiano e o gaiteiro era alemão. Eles não se entendiam nem para falar. Imagina tocando! Realmente eles eram ruins como músicos. A certa altura da festa, a dupla se apresentou ao Toquinho, prontificando-se a ir tocar e cantar no programa. Mesmo com todas as cervejas que tomou, o radialista percebeu que eles não tinham condições de participar do programa. Mas para não ficar chato nem constrangedor, marcou para eles irem à Rádio um ano depois, na primeira data que veio na cabeça:

- Vocês compareçam na Rádio, no dia doze de dezembro de 1981.

A esperança era de que até lá, a dupla terminasse ou eles esquecessem. Toquinho voltou para casa, continuou seu trabalho, e o tempo passou. Em doze de dezembro de 1981, a dupla apareceu na rádio. À tardinha, eu saía do meu programa quando vi eles chegarem. Um funcionário da Rádio disse:

- Toquinho, tem uma dupla que veio do interior prá tocar no teu programa.

Ele olhou para a janela, viu os dois caras e ficou apavorado.

- Como é que eu vou colocar esses dois a tocar no ar ?

Ele chamou os dois e foi mostrar a emissora: o prédio, a casa do rapaz que cuidava dos transmissores, o local dos transmissores e a antena da rádio:

- É desta antena que sai o som que as pessoas recebem em casa no radinho.

Eles ficaram impressionados.

- Ah! É aqui que vai pro ar!

O Toquinho teve uma idéia: pegou dois banquinhos, botou embaixo da antena e disse:

- Vocês podem tocar, porque já estão no ar !

E eles tocaram mais de meia hora debaixo da torre, mandando abraço para os familiares, para as namoradas e para os conhecidos, pensando que estavam no ar."

do livro inédito "Micos e microfones - relatos humorados sobre rádio e televisão"

A salada da discórdia

"No pátio da Rádio Ijuí, tinha uma construção que era um galpão crioulo onde o pessoal fazia churrasco com os presentes que os ouvintes promoviam: uma ovelha, a paleta de uma vaca, o pernil de porco...

Apareceu um locutor dos que chamamos de "peregrino": são bons profissionais, mas ficam de dez dias a um mês numa emissora e depois vão embora. Esse sujeito chegou com a cara de "o melhor locutor do mundo". Realmente era bom profissional, mas, já de cara, se incompatibilizou com todos os colegas, porque ele acertou o contrato com o diretor da rádio como se fosse o Cid Moreira. Ele era prepotente e metido a gostosão. A esposa dele era pior: nariz empinado, criou um mal estar geral, inclusive nas meninas da redação e da recepção.

Nessa noite nós resolvemos fazer um churrasco. Convidávamos todo mundo, inclusive os diretores da Rádio, que eram os proprietários: o Mânica e a esposa dele, a Salete. Super queridos com a gente, sempre muito educados. Já tínhamos contado para as namoradas, noivas e esposas, como era o outro casal. Na hora de prepararem a salada, foram ao pátio da rádio que tinha uma grama bem alta, cortaram a grama ao meio, lavaram bem e tiraram os pelinhos ásperos. Parecia radite. Botaram numa bacia e temperaram com sal, azeite e vinagre. Nós avisamos os outros que não comessem a salada.

Foi servido o churrasco e os chatos se serviram da salada de grama e comeram mais de meia bacia. Começaram as risadinhas e o pessoal se cutucava. Então eles perceberam que todo mundo sabia do assunto e eles não. Estavam preocupados até que um colega, embalado de caipirinha, brincou:

- Isso é bom tu aprenderes porque cavalo tem que pastar mesmo!

Os dois perceberam que estavam comendo grama. Eles levantaram, saíram porta a fora e nunca mais voltaram. O cara não voltou nem para buscar a carteira de trabalho dele".

Desgastes do casamento

"Na primeira Rádio em que trabalhei: a Sul-brasileira, de Santa Rosa, um colega trabalhava sábado de manhã e tinha que casar à tarde. Ele estava preocupado com as finanças, pois a noiva estava grávida. Mesmo no estúdio, pensava no aluguel, rancho, roupinhas, fraldas, mamadeira etc. Pensava em pedir um aumento para o chefe. Ao entrar no ar, o operador passou o microfone pra ele que disse o seguinte:

- Em Santa Rosa nove horas, vinte e sete cruzeiros!"

TV Alfredo

"Alfredo era jardineiro e foi contratado como serviços gerais da TV Umbú. Certo dia, eu, a Angélica e o Rogério estávamos loucos para entrar com o Jornal do Almoço no ar. Iniciou a abertura, com o enquadramento focalizando todo o praticável, e nisso o Alfredo entrou, passou na frente da câmera, pegou algo no estúdio e voltou, pela frente da câmera: claro que ele apareceu duas vezes no ar. Nós não podíamos falar. Tínhamos que dar o bloco de notícias como se nada tivesse acontecido. Ao entrarem os comerciais, explicamos:

- Seu Alfredo, o senhor não pode passar aqui na frente da câmera, senão a sua imagem aparece no ar.

- Então não dá pra passar ali na frente, é?

- Não pode... ali capta toda a imagem.

-Tá bom, tá jóia!

Recomeçamos o jornal. Pouco tempo depois, ele entra de novo no estúdio, e vem direto, na mesma direção da câmera. A diferença foi que desta vez, ele botou a mão na lente da câmera e passou de novo, mais duas vezes".

Os bonecos malandros

"O guarda da TV Umbú era assustado. Os cinegrafistas, malandros, resolveram aprontar. Às vezes ele estava fechando a emissora, ou olhando a garagem e os guris se escondiam e pulavam na frente dele, correndo o risco de levarem tiros. Um dia veio uma agência de publicidade gravar um comercial, e trouxe uns manequins, que ficaram no mesmo estúdio do jornalismo e seriam retirados no outro dia. À noite, os meninos colocaram os manequins todos vestidos em posição de ataque, no meio do estúdio e, gritaram:

-Seu Ivo! Seu Ivo! Tem alguém lá no estúdio!

Ele sabia da responsabilidade de defender aquele patrimônio. Então, entrou dentro do estúdio e não teve tempo de acender a luz. Viu apenas os vultos, e começou a atirar contra os manequins. Seu Ivo quase morreu do coração."

do livro inédito "Micos e microfones - relatos humorados sobre rádio e televisão"

Xixi em Ijuí

"Moreira era o dono da Rádio Ijuí e comentarista esportivo. Um dia ele fez reportagem de campo comigo, e levou o menino do departamento comercial - que vivia nos corredores da rádio narrando futebol. Imaginou que ali poderia estar um futuro locutor esportivo. O menino ficava conosco dentro do campo, para aprender, mas o Moreira o obrigava a carregar fios para aliviar o seu peso.

O Moreira disse a ele:

-Fica aí no campo, que o pessoal está me chamando lá em cima.

-Tá bom. - disse o menino, botando o fone no ouvido e começando a desfilar na frente da massa.

O locutor iniciou a transmissão e chamou o repórter para dar a escalação:

- Agora, informações de Ijuí, com o nosso repórter Moreira...

E o menino entrou no ar:

- O Moreira foi ao vestiário dar uma mijada e já volta".

do livro inédito "Micos e microfones - relatos humorados sobre rádio e televisão"

Vozeirão

"Um rapaz de dezessete anos, tinha um vozeirão, boa leitura, boa dicção e começava como locutor. Os noticiários eram dados para os melhores locutores. Ele apresentava o resumo das notícias do dia, das 18h50min às 19h.

Ele, que teria de servir o exército, disse ao chefe da emissora:

- Eu não quero servir o exército, vai atrapalhar minha carreira no rádio.

- Mas você tem que passar pela inspeção de saúde e pegar o certificado de reservista. Prometo que converso com o comandante para te dispensar.

O rapaz passou um dia envolvido no quartel. Chegou no estúdio quando a característica do seu programa estava entrando no ar e o chefe pronto para apresentar.

-Chefe, me dá o microfone que eu apresento!

-Não. Deixa que eu já estou aqui.

- Não. Me dá que eu apresento!

O chefe entregou os papéis pra ele, que começou a ler as notícias. O patrocinador do noticiário era "Technos - O suíço mais pontual do mundo. O único com certificado de garantia".

E ele disse:

- Este informativo é um oferecimento de Technos, o único com certificado de reservista."

Abrevia que eu erro

"Na Rádio Sepé Tiarajú, de Santo Ângelo, eu fazia o noticiário de meio-dia dos sábados e ficava para o programa da tarde. Perto do meio-dia, morreu um sujeito que tinha sido vereador, participava do Rotary, do Lions, do Px clube e era professor da faculdade de direito. Chegavam os avisos de convite para enterro. A cada cinco minutos eu anunciava o enterro dele.

A secretária abreviou a palavra professor:

"Noticiamos o falecimento do professor fulano de tal..."

Só que ela abreviou "pe", o que significa padre. Da uma hora até às três e meia da tarde, eu dizia:

- Nota de falecimento e convite para enterro:

Esposa, filhos, noras, netos, do sempre lembrado padre fulano de tal, convidam para o enterro..."

**PARA UM BOM ENTENDEDOR, O PROGRAMA DO
DALTRO BASTA**

Bala

O âncora da rádio Planalto, durante o carnaval 2000, era o Chimanski. Houve um acidente com revólver no centro e ele ligou para a polícia, concluindo: - "... na verdade o cidadão foi baleado à bala de revólver, mesmo". Nesse momento levantou-se a hipótese de que ele poderia ter sido baleado por uma latinha de cerveja ou coisa parecida.

A capa da torre

O pessoal dá trote para os novatos em rádio. Ao sinal de temporal dizem ao iniciante que procure a capa da torre para protegê-la da chuva forte. Um rapaz de Rondinha, há cinco anos, veio à minha sala procurar a capa da torre para ele subir lá e evitar que a antena molhasse.

Chance

Um operador pediu uma chance para ser repórter. Seu primeiro serviço foi entrevistar mulheres da superintendência da saúde , que fazem campanhas de vacinação, detetizações, deixando a sigla SUCAM escrita por onde detetizava. O novato foi a uma vila de Passo Fundo e encerrou:

- "Para a rádio Planalto AM, repórter tal, da rua SUCAM 175."

Das alturas

O narrador Marcos Feijó, o comentarista Jarbas Sampaio Correa e o repórter Carvalho estavam na escuridão de um estádio em obras. Os clubes desligavam as luzes ao fim dos jogos por economia. Para saírem, tinham que passar por uma tábua de trinta centímetros de largura a uns dois metros do chão. O repórter, na escuridão, com malas pesadas nas duas mãos, se equilibrava ao atravessar a tábua.

Ele teria que entrar à esquerda, mas na emoção, foi reto. A equipe estava no carro esperando preocupada o repórter Luís Carlos Carvalho. Num determinado momento tínhamos ouvido um barulho: "búúm". Até que enxergamos uma figura que se movia.

Não sabíamos se era uma bola de concreto ou o quê. Sei que vinha o Carvalho, todo torto, com as duas malas e cheio de areia.

- "Eu caíí lá de cima..."

Emoção de fã

O Osvaldir, desde garotinho escutava a Rádio Globo e era fã do Samuel Gonçalves. Emocionado, o Osvaldir abriu um dos seus programas da manhã assim:

- "Muito bom dia amigos da Rádio Globo!… quero dizer, como diz aquele nosso amigo lá de São Paulo, aquele grande comunicador o Samuel Gonçalves..."

Segurando o emprego

Em 1981, num jogo do Esporte Clube Gaúcho, o Meireles e o Ari Machado - que estava iniciando no rádio - eram os narradores. O Ari errou o anúncio dos jogos da loteria esportiva e o Meireles Duarte, do estádio Volmar Salton:

- "Seu Ari Machado, por favor! Corrija os resultados! Durante a semana já lhe chamei atenção diversas vezes! Estou segurando o seu emprego. Não me faça passar vergonha!"

LUIZ CARLOS CARVALHO E OS GOLS QUASE NÃO CONTRAS

Retorno

Um narrador antigo, o Jorge, desesperado para transmitir um jogo no estádio Florestal em Lageado, não conseguia retorno, pois havia um problema na linha. Ele ficou irritado e gritou:

- "Por favor! Cadê o retorno de Lageado?"

E eu para acalmar os ânimos, disse:

- "...um pouquinho adiante de Estrela."

No meio

Um narrador de Estrela transmitia pela primeira vez do Beira Rio. Foi emocionante… cabine toda espelhada...primeira grande transmissão dele:

- "Muito bem amíííigos da grãâânnde região de Estrelah! Nesse momento, aqui! Uma expectativa muuuito grande no Beira Rio! Chove nos quaaatro cantos do gramado".

Então, o repórter intervém:

- "Ele quer dizer que no meio do gramado também, viu".

Explicação

O Fabrício entrevistou um maratonista de Porto Alegre, que venceu em Passo Fundo:

- "Aqui... quarenta e cinco minutos e vinte segundos, nessa prova. como é que você analisa esse tempo?"
- "Olha, choveu um pouco, mas..."
- "Não, não... eu estou perguntando do teu tempo!"
- "Ah.... mas então porquê não me explicou direito?"

Diferente

No carnaval de 1993, eu estava acostumado com o supermercado Di Domênico que patrocinava muitos eventos. Então abri o programa de carnaval:

"- Estamos aqui, com o apoio do supermercado diiii...dii...diferente, mais barato mais gostoso... você faz economia lá... claro que faz! vá no GreNal"

Não

Transmitíamos do CTG Lalau Miranda durante as eleições e, de vez em quando, colocávamos a rádio Gaúcha em cadeia com o resultado nacional. O Daltro, delicadamente falou baixo para não atrapalhar a apuração:

- "Muito bem, vamos voltar agora para o estúdio. Jaime Freitag, temos condição de colocar alguma coisa com a gaúcha aí ?"

E o Freitag, estressado e ofendido, gritando :

- "Não Daltro, agora não... que a gaúcha tá com futebol!".

Números

Em 1985, o JG, narrador vindo de Uruguaiana, foi escalado pelo Meireles Duarte para narrar futebol. Só narrou dez minutos de jogo entre o Pratense e o Quatorze de Julho, em Nova Prata. Ele iniciou assim:

- "começa a partida! Número sete entrega para trás para o número onze, que recua para o número cinco, abrindo bola para o número dois que recua para o camisa um!

Até que chegou momento que não deu mais pra aceitar. O Meireles que narrava outro jogo, interrompeu:

- "seguinte... prioridade pra mim aqui... só entre na hora do gol... mas veja primeiro o nome de quem marcou o gol".

Replays

Um narrador, não recordo o nome, tomou uns tragos com o irmão do Ferrão e foram transmitir futebol de salão em outra cidade.

- "Atenção ! prioridade pra mim aqui. olha aí! é pênalti."

- "Então vai daí, se é pênalti".

- "Atenção ... está colocado o Paulinho... bateu...é gol...é gol...é gol...é gol...é gol...é gol..." e ele não parava mais de dizer "é gol". Sei que a transmissão foi seguindo assim, até que o narrador terminou o jogo:

- "Termina o jogo! Cruzeiro sete a cinco ".

Então, entra o repórter da equipe:

- "Vem cá, mas não tava oito a seis esse jogo aí?"

solução: tiveram que ir na Federação, no outro dia, para saber o resultado do jogo que eles transmitiram pela rádio.

Narrador de futuro

Com quinze anos de idade, estreou um narrador de futebol. Emocionado e tenso, chegou no estádio:

- “Báh! Não posso errar! Hoje tenho que sair muito bem. Tenho que decorar o nome do número nove e do número sete, que vão dar o pontapé inicial na bola. Não posso esquecer... o nove é Paulo e o sete é Chico”.

Ele ficava olhando para o papel, decorando, falando baixo:

- “O nove é Paulo , o sete é Chico. O nove é Paulo, o sete é Chico”.

Prepararam-se para dar o pontapé inicial, ele esqueceu o nome dos caras, olhou para o papel e começou:

- “Apita o árbitro! Sai Paulo, entregando prá Chico... bom passe de Chico...”Daí ele olhou pro campo e viu que o juiz tinha parado porque estava no minuto de silêncio. Todos perfilados no meio do gramado, no minuto de silêncio, e ele já tinha começado a narrar o jogo. Uns caras olharam prá gabine e disseram:

- “Esse é o narrador do futuro”.

**DE OLHO NA BOLA AMARRADA JARBAS SAMPAIO
CORREA**

Bola

Futebol não tinha substituição. Se dois se machucassem, ficava com nove. Não havia cartão de advertência. O juiz chamava e ameaçava de pôr pra rua o jogador. Eu sou do tempo da bola número cinco de tento: muito maior do que as de hoje, aberta, colocava-se a câmara dentro da bola. Ela tinha um lugar para se colocar a bomba, enchendo de ar. Depois dela bem cheia, você dobrava o bico, fechava bem para não esvaziar. Tinha um barbante especial, era um cordão de couro, o tento. O problema era os jogos nos dias de chuva, porque soltava um pedacinho do tento e quando o cara ia cabecear levava um "laçoço" na testa. Era passado sêbo de gado para conservar a bola. Cada time tinha uma bola que era uma preciosidade.

Eu realmente adoro o esporte. Comecei minha carreira em 1957, por ocasião do centenário de Passo Fundo, quando o estádio do quatorze de julho era onde hoje se localiza a Estação Rodoviária. Segui a minha carreira até 1999, totalizando quarenta e dois anos de carreira.

Muitos fatos pitorescos aconteceram na minha carreira. Um deles ficou marcado na história do futebol em Passo Fundo, porque ele marcou na série de dois jogos do gaúcho contra o Uruguaiana. Um jogo acontecido lá na cidade da fronteira, em dezembro, quando num calor incrível, como na fronteira acontece, principalmente em dezembro, com a "gentileza" do pessoal da casa, que quiseram ser gentis e nos ofereceram uma sombra. Só que nos colocaram numa cabine coberta de zinco. Então, o sol ficou insuportável!

Eu nunca senti tanta dificuldade para trabalhar, para comentar um jogo como naquela tarde em que o Uruguaiana vencia. Já no final da partida, o Gaúcho vencia por um a zero. Foi o primeiro time da região a subir para a divisão especial, no futebol do Rio Grande do Sul. E eu, coberto de zinco, com um calor de trinta e oito graus. O microfone grudava, dava choques incríveis na mão da gente. E a prova do calor é que o árbitro do jogo, o

Flávio, teve ma ameaça de insolação antes de entrar no vestiário. Os jogadores do gaúcho não foram para o vestiário, porque o calor era tanto que eles resolveram ficar debaixo de uma árvore.

Sem as mínimas condições

Credenciados por carteiras da Federação Gaúcha de Futebol, fomos entrar num estádio do interior para transmitir um jogo. O porteiro nos barrou:

- O presidente falou que aqui, sem pagar, não entra n-i-n-g-u-é-m.
- Olha, com essa carteirinha da Federação Gaúcha de Futebol, eu já entrei até no Maracanã... Mas nós vamos pagar, pois temos um contrato a cumprir.

O diretor do clube veio verificar o que estava acontecendo. Eu disse:

- Simplesmente, ele está nos forçando a pagar o ingresso para trabalhar.

O diretor pediu desculpas e nos fez entrar. Mas a nossa batalha não terminava ali: Não tinha cabines para a equipe, mas para a rádio local tinha. Eles disseram:

- Vocês se virem por aí.

Eu trabalhava como comentarista e o meu colega, Duarzan, como narrador, um dos mais antigos de Passo Fundo, foi até presidente do Sindicato dos Radialistas. Nós transmitimos o jogo de cima de uma árvore, cuidando para não cair.

Ameaças

O Grêmio veio jogar em Passo Fundo e o goleiro deles foi ameaçado com um revólver porque estava todo de preto e o juiz tinha anulado um gol do gaúcho. Quando fomos jogar em Porto Alegre o pessoal do Grêmio nos disse:

- Nós vamos dar o troco daqueles incidentes.

O grêmio fez oito a um, e o time do Gaúcho deitou no campo para não levar mais.

Parceiros

Certa vez, após um gol sofrido, dois companheiros de equipe brigaram:

- A culpa foi sua.
- Não, a culpa foi sua.
- Mas era no seu setor, você é que tinha que ter ido na bola!
- Mas eu tinha outro pra marcar!
- Mas tu é burro mesmo!

Os dois se atracaram entre socos e pontapés. Foi a única vez que eu vi dois jogadores do mesmo time expulsos de campo por motivo de briga.

Aconteceu no futebol amador de Passo Fundo.

O DISCRETÍSSIMO MEIRELES DUARTE

Pouca diferença

Vicente Celestino cantava "O ébrio", "Porta aberta" e era o tenor das multidões. Eu era cronista esportivo, mas fui designado para substituir o apresentador do show dele em Passo Fundo. O cinema estava lotado. Eu disse:

- Aqui está Vicente Celestino, que conquistou o Brasil na sua brilhante e marcante carreira esportiva.

Todo mundo riu. Eu pedi desculpas e disse:

- Aliás, carreira artística.

Ele sentiu que eu perdi o rebolado. Pegou-me pelo braço e disse:

- Olha moço, não precisa ficar preocupado, nem temeroso, porque é muito pouca a diferença da carreira do artista para a carreira do esportista. Os dois viajam e são exibidos.

JG, O "G" É DE GURI

De guri capinador a radialista

Eu tinha quatorze anos, em 1969. O terreno da Rádio Itaqui tinha um matagal quase do tamanho do prédio. O meu irmão, que era técnico, ficou de arrumar um guri para fazer a limpeza. Fiquei três dias de enxada na mão, olhando os operadores de rádio, os locutores, todos com as suas devidas tarefas. No terceiro dia, o diretor da rádio, seu Silveira, me disse:

- "Tu não quer trabalhar capinando, né? Pelo jeito tu queres ser locutor da rádio, porque até agora tu não fizeste nada no pátio, só ficou aí, parado, com essa enxada na mão olhando os outros..."

- "É. Eu gostaria de ser".

- "Que idade tu tem?"

- "Eu tenho quatorze anos".

- "Então esteja aqui amanhã, às cinco horas da manhã. Se tu chegar aqui exatamente às cinco horas da manhã, tu vai ser radialista".

A rádio abria às sete da manhã, mas tudo bem. Contei pros meus Pais:

- "Eu vou trabalhar na rádio. Tenho que estar lá às cinco da manhã".

Aquela noite eu quase não dormi de tão contente. Cheguei às cinco, a rádio abriu às sete. Fiquei até às onze da noite trabalhando. De guri capinador, virei radialista.

Trote da sorte

Eu era operador da rádio Farroupilha e o diretor disse:

- "Tu vai ter que te virar. Nós precisamos de um repórter policial novo. Pra começar, vai ter uma cobertura amanhã, no presídio em Charqueadas. E tu vais. Pega a Kombi amanhã com o motorista e sigam para lá".

Era um trote pra me deixar no presídio o dia inteiro. E ele queria testar se eu tinha criatividade suficiente para vir a ser repórter policial.

Ironicamente, justo naquela noite, estourou um motim no presídio. Cheguei lá, era aquela confusão. Liguei a unidade móvel e perguntei ao diretor:

- "E agora? O que é que eu faço?".

- "Agora que tu já estás aí, conta o que está acontecendo!".

Bala! Bala voando pra tudo que era lado! Colchão pegando fogo!

Era o meu primeiro dia de repórter na rádio Farroupilha. A minha sorte era que os locutores do estúdio, mais experientes, me faziam mais perguntas do que eu narrava o fato. De um trote, acabei fazendo uma cobertura jornalística para uma Rádio internacional.

Nome

Eu estava no ar com um programa da rádio Uirapurú:

- "Alô ! como é que vai? Tudo bem, querida?"
- "Tudo bem JG... Eu quero mandar uma música para alguém muito especial. Nós vamos noivar no fim-de-semana".
- "Qual é o nome do felizardo?"
- Não, JG. O nome dele não é felizardo. O nome dele é Cristóvão!"

O POLITIZADO HENRIQUE FONSECA

Um problema caseiro nas eleições de 89

No final da década de 80, o Brasil respirava ainda os ares da redemocratização e os ventos sopravam favoráveis para uma eleição presidencial com grande participação popular. Eu estava na redação de uma emissora de televisão, depois de ter passado pelas máquinas do jornal DIÁRIO DA MANHÃ, motivo pelo qual acabei ingressando na Faculdade de Jornalismo.

Um ano antes das eleições de 1989, recebi um convite para coordenar a equipe de jornalismo da RBSTV Passo Fundo. Estava chegando a um veículo novo. O tratamento à informação era diferente do jornal. O curso superior concluído em Santa Maria, pouco acrescentou para a linguagem de televisão. Afinal, lá existia uma câmera e alguma coisa lembrando o que poderia ser um telejornal. A escola mesmo foi a redação. Até que chegou o final de 88. No ano seguinte, teria a responsabilidade da cobertura de uma eleição presidencial. E havia o Leonel Brizola e todo o envolvimento regional.

A RBS preparava-se há meses para a cobertura com uma central de apuração paralela dos votos em todo o Rio Grande do Sul. Eram mais de cem pessoas entre apuradores, telefonistas, motoristas, digitadores. Nós, na redação, tínhamos reuniões semanais. Afinal, eram três câmeras, quatro repórteres. Uma estrutura pequena para dar conta do recado: cobertura de 80 municípios da região de abrangência da RBSTV Passo Fundo.

Claro que a cobertura ficaria restrita a Passo Fundo e Carazinho que eram os pontos principais. Na disputa presidencial, além do gaúcho Leonel Brizola, tínhamos o Caçador de Marajás Fernando Collor , Lula , Paulo Maluf, Ulisses Guimarães.

Eis o cenário de 1989.

Equipes na rua, no dia da eleição, preparando a edição do Jornal do Almoço, e lá se foi o repórter Agostinho Nicolini para o distrito São Bento, Município de Carazinho, terra natal de Leonel Brizola. A pauta era um ambiental sobre o distrito, os moradores que conheciam a família, a infância de Leonel Brizola, e a movimentação nas seções eleitorais. Na escola do distrito, a fila pela manhã era longa.

O repórter, então, de microfone em punho começa a fazer uma enquete sem cortes. Ia passando um a um pela fila e todos abriam o voto a favor de Brizola. A matéria só sairia depois das cinco horas da tarde, o material chegou ainda antes do meio-dia à redação em Passo Fundo para o processo de edição. Aquela correria de sempre. A matéria do Nicolini na edição. O "vt"- a fita de vídeo - acabou indo sem revisão para o Jornal do Almoço. E lá estavam os eleitores na terra natal de Leonel Brizola com muito orgulho abrindo o seu voto, evidentemente, para o velho caudilho. Não demorou muito e os telefones da redação começaram a despejar ligações. Até então, ninguém havia percebido que havíamos colocado no ar uma propaganda eleitoral do tamanho da confusão que se anunciava.

A matéria reservada para o fim da votação, acaba indo ao ar no meio da votação. O diretório municipal do PT pede providências à Justiça Eleitoral. O caso vai parar em Porto Alegre como um rastilho de pólvora. Entre uma ligação e outra com a direção de jornalismo de Porto Alegre, me vi no meio da confusão. Foi um erro grave que poderia ter comprometido toda a cobertura da emissora.

A Assessoria Jurídica entra em ação e dá as devidas explicações, inclusive para o diretório do PT. A emissora não é penalizada, mas, por descuido, acabamos virando notícia nacional.

Tudo foi explicado. O susto foi grande. A responsabilidade pesou. Um somatório de tempo, espaço, improvisação e a falta de acompanhamento de todo o processo de uma informação, da sua captação, edição, finalização até o telejornal no ar, contribuíram para que uma reportagem fosse exibida na hora errada.



No final das contas, para o nosso alívio, não perdi o emprego. A RBS TV não teve maiores problemas com a Justiça Eleitoral porque consolidou a defesa no momento histórico da eleição de um pequeno distrito tendo a oportunidade de votar em um conterrâneo para a Presidência da República, e ainda, Brizola acabou no meio do caminho. Lula e Collor foram para o segundo turno. Ufa! Assunto encerrado. Quatro anos mais tarde, lá estava Brizola de novo candidato. E eu, na coordenação de jornalismo da RBSTV Passo Fundo. Desta vez não teve descuido. A matéria só saiu depois das cinco.

Estabelecimento comercial na Prefeitura

Em 1988 aos meus 18 anos, eu acabava de completar o segundo grau na Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, em Passo Fundo. Filho de agricultor, disputaria uma vaga no vestibular para agronomia. Fiz as provas em Passo Fundo e fiquei longe da segunda, da terceira e, talvez, ficaria também longe da quarta chamada. Fui para Pelotas, lá sim, teria uma chance. O desempenho não ficou muito distante das provas de Passo Fundo. E distante acabou ficando aquele sonho de um dia andar pelas lavouras de Pinheiro Marcado, distrito de Carazinho, onde a família plantava trigo, milho, sorgo, soja. Afinal, era preciso arrumar um emprego (como um castigo) por não ter conseguido uma vaga no curso de Agronomia. E ainda tinha que esperar mais um ano para enfrentar um novo vestibular.

A solução encontrada veio através de um tio: a chance de ser jornalista ! Jornalista? Sim, iria trabalhar no jornal Diário da Manhã. Salário, nenhum. A missão era aprender, ter uma ocupação, sentir na pele de onde vinha o dinheiro para o sustento.

Era verão. Chego à redação, que tinha como diretor o jornalista e radialista Hélio Freitag. Meu primeiro professor. Naquela época, ainda, existiam os resquícios do jornalismo com frases mais rebuscadas, de atenção redobrada aos movimentos políticos, de jornalistas experientes na redação. Eu era pouco afeto a leituras e muito menos a jornais. Recebo a missão diária de ir à Justiça do Trabalho, anotar a agenda das audiências, para uma coluna do jornal. Não exigia muito esforço, a não ser a dor de tanto pressionar a caneta entre os dedos. Depois, passo para a coluna dos nascimentos e do obituário. Aí, começo a exercitar os textos. Eis que surge uma pauta sobre uma audiência na prefeitura de Passo Fundo. Uma daquelas visitas ao prefeito que interessava ao editorial do jornal. Faceiro, com um bloco de folha de papel-jornal e a pé, fui cumprir minha missão.

Na redação, vencida a insegurança, comecei o texto em uma das máquinas de escrever. Era meio da tarde. A matéria foi feita. Pela confusão do dia seguinte, logo vi que o diretor de redação não revisou a primeira matéria de um iniciante.

Todas as manhãs, o jornalista Túlio Fontoura, fundador e diretor do jornal Diário da Manhã, passava pela redação, sempre sério. Calmamente, em sua sala ao lado da redação, ele lia todo o jornal. Todo! Túlio já esperava Freitag com o jornal muito riscado, com as devidas correções. Cheguei à redação, ouvi o meu nome e, estremecei !

Acontece que o repórter iniciante, o Foca, que ganhou a confiança do diretor de redação, não quis repetir, no texto, a palavra P R E F E I T U R A, afinal não ficaria bem para um iniciante repetir palavras. Tinha que mostrar a eles um bom texto. E lasquei: Em visita àquele ESTABELECIMENTO COMERCIAL. Foi o bastante para o Hélio Freitag me chamar num canto. Quanto a Túlio Fontoura, eu passava a léguas de distância. É assim mesmo, a vida de Foca. Não estava pronto para caminhar sozinho. Até hoje tenho uma certa aversão a estabelecimentos Comerciais.

IPÁCIO CAROLINO, PERSUADINDO CORAÇÕES

Tradução

"Um colega atendeu um telefonema, baixou o som do monitor do estúdio e começou a conversar com uma garota. Falou historinhas, fez declaração de amor. Nisso tinha uma música de fundo, internacional.

Passados alguns minutos. Acabou a música. Toca o telefone. Era alguém pedindo de novo a tradução da música que estava rodando antes. Na verdade não era nenhuma tradução. Era uma bela cantada que ele estava passando".

Era só uma convidada

Era fim de ano e o pessoal estava numa festa na emissora. Um grupo de moças pede para conhecer o estúdio. O locutor vai explicando para elas como é que funciona: Esse é o microfone. Essa é a mesa. Nesse meio tempo acabou a música e ele tinha que anunciar os comerciais, mas uma moça estava sentada na cadeira do locutor. Ele foi correndo pra abrir o microfone e se apoiou sobre ela, que gritou:

- "Ai. Vai amassar o meu vestido!".

CONFLITOS PROFISSIONAIS DE IVANDRO DÁVILA

Situação terrível

Num Domingo chuvoso de 1989, eu procurava nos classificados uma casa na praia e esqueci o microfone da Rádio Atlântida ligado. Liguei para a dona da casa:

- "Dona Rosa, a Sra. tem uma casa para alugar em Mariluz?".

- "Sim, o preço é cento e cinqüenta reais, por dia".

- "Mas Dona Rosa! Tá muito caro! A sra. tem que negociar comigo! Tem que ver que eu sou um radialista! A Sra. sabe que eu ganho "x".. Eu ganho muito mal! A Sra. sabe que os radialistas estão numa situação terrível..."

Isso tudo, no ar. Aí, o guarda entra no estúdio, pé por pé, bate nas minhas costas e diz baixinho:

- "Ivandro... Está no ar."

Foi uma "tragédia". Eu quase morri de vergonha. Eu acho que é como você estar na fórmula um, errar a marcha e bater o carro no poste.

Em seguida, o pessoal começou a ligar pra mim.

- "Como um profissional pode deixar o microfone aberto? Que absurdo!"

Dispido

Eu estava nervoso, começando no rádio. Às vezes, não se consegue raciocinar rapidamente e jogar as palavras certas no ar. Ao fim do programa, larguei a última música e disse:

- "Muito bem pessoal, estou indo embora e com essa eu me "dispido".

O pior foi que eu nem me flagrei que estava errado e nem me corrigi.

Não fala

Estávamos na Atlântida FM: Eu, o Ipácio, o Paulo Ricardo, o JB Dávila e outro radialista mais novo que eu não lembro o nome. Os mais velhos deixavam o pior horário pro rapaz, das dez da noite às duas da manhã: o mesmo de uma festa em Lagoa Vermelha, que ele queria muito ir, porque ele tinha uma namorada lá...

Um colega dele disse:

"- Pra ti não ficar estressado eu vou te dar um litro de uísque, mas fica na tua, só vai tomar o uísque quando chegar em casa, não faz besteira."

Ele estava tão indignado que abriu o uísque. Os mais velhos saíram do trevo de Passo Fundo e quando estavam há apenas dez quilômetros, um dos colegas desceu do carro, achou um telefone, ligou pra ele e disse:

- "Fulano, não fala mais nada porque tu tá completamente bêbado no ar."



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Micos & Microfones

relatos humorados sobre rádio e televisão

Com muito bom humor, a professora Helena de Moraes Fernandes apresenta nesta obra o relato dos mais influentes personagens da radiofonia passofundense.

Angélica Weissheimer, Júlio Rosa, Daltro José Wesp, Ipácio Carolino, Jg, entre outros, contam episódios hilariantes de suas respectivas carreiras, momentos que marcaram a vida profissional e pessoal de cada radialista.



Projeto
Passo Fundo
Apelo à cultura



9 788564 997066